

tanta coisa? A impressão que levo é de espanto. É fantástico! É uma coisa comovente sentir essa cidade viva como está. Brasília é bela. Brasília tem tudo para ser uma grande cidade", disse Lucio Costa no Senado lotado. "Os senhores me deem um pouco de tempo porque estou emocionado", relembra reportagem do **Correio** da época.

As conferências e os debates duraram cinco dias. Em agosto do ano passado, para celebrar os 50 anos do emblemático encontro, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) sediou o 2º Seminário sobre os Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília.

Legado

Ao longo da carreira, Aldo Paviani formou mais de mil alunos — essa é a conta que consegue fazer de forma ligeira. Mas a vocação para ensinar e a generosidade em compartilhar o conhecimento permanecem. O professor repete as explicações pacientemente, e reforça pontos de vista que considera essenciais, inclusive em artigos publicados no **Correio**. Apesar de ter se aposentado em 1996, Aldo Paviani contribuiu, sempre que é chamado, com o Núcleo do Futuro e no Núcleo de Estudos Urbanos Regionais do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da UnB.

Aldo fundou o núcleo ao lado do professor Isaac Roitman, que morreu no último dia 7, aos 86 anos, uma parceria que se transformou em grande amizade. "Ele me chamava de irmão e eu o chamava de irmão. Fiquei tristíssimo de vê-lo morrer", lamenta.

O geógrafo foi eleito diretor do Ceam e também assumiu um mandato à frente do Instituto de Ciências Humanas. No currículo, conta que ficou faltando apenas uma cadeira no decanato. Mas as condecorações se acumulam: é Cidadão Honorário de Brasília, pela Câmara Legislativa do DF, e Oficial da Ordem do Mérito Legislativo da capital federal.

Dos momentos marcantes em mais de 25 anos de docência na UnB, ele se lembra de acontecimentos do período de ditadura militar. Em um dos episódios, uma aluna foi retirada à força da sala de aula e implorava ajuda ao professor enquanto era carregada. "Nós entrávamos ali pelo Minhocão Norte e havia uma fileira de soldados com fuzil e baioneta. Ficávamos muito constrangidos de passar por ali e ir dar aula."

Fotos: Arquivo Pessoal



A família Paviani em 1935: Adélia e Narciso com os filhos Mansueto e Aldo



No casamento com Therezinha Isaia Paviani, em 1962, e em 2013, um ano antes da morte dela

"Na UnB houve uma repressão forte e isso que me calou muito fundo", revela. "Quando eu cheguei, a Geografia era no Minhocão Sul, no subsolo, porque era junto de Geociência. Dava para sentir o cheiro da pólvora da arma do militar que atirou em um estudante. Acho que o que me deixou mais triste foi isso", afirma.

Um aluno o denunciou à época, quando Amadeu Cury estava

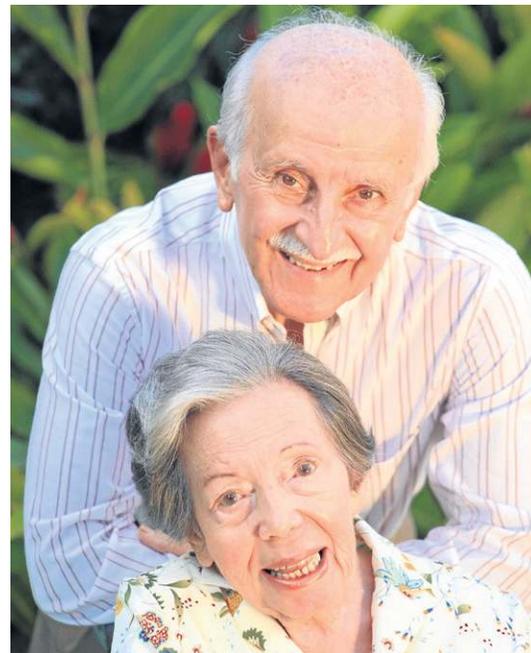
na Reitoria e José Carlos de Almeida Azevedo, na vice, dizendo que o professor era comunista. O episódio ocorreu depois de Aldo dar uma nota baixa ao discente e reprová-lo por excesso de faltas. "Ele confundiu crítica com comunismo", diz. Azevedo estava pronto para assinar a demissão quando o reitor interveio e disse que perder Aldo significaria perder também



Therezinha (centro) e as filhas Lúcia e Cilene



Aldo na UnB, com o geógrafo Milton Santos



Therezinha Paviani. E assim o casal permaneceu junto e na UnB.

Futuro

Pensar o futuro é uma habilidade que Paviani desenvolveu ao longo da carreira. Como educador, as impressões que carrega sobre o ensino no Brasil têm um tom crítico, mas esperançoso. O principal

gargalo que aponta é a evasão, especialmente no ensino médio. "O Brasil é muito fraco em termos educacionais. Então, para mudar esse modelo, é necessário mudar esse circuito. Quando chega ao ensino médio, a pessoa cai fora para trabalhar. Tinha de haver uma maneira melhor de dar continuidade. Perde-se talentos", avalia.

A importância da qualificação, ele tira da própria carreira, depois do mestrado e doutorado no Brasil, Aldo teve a oportunidade de fazer o pós-doc em Austin, no Texas, no início da década de 1983. A trajetória foi interrompida em razão do diagnóstico da mulher. "Nós sempre fomos companheiros. Onde eu ia, lá estava ela", recorda-se.

Em outra oportunidade, o casal se mudou para Lisboa. Aldo havia sido contemplado por uma bolsa do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal e Therezinha passou a estudar plantas africanas de Angola e Moçambique, por se tratarem de vegetações também tropicais.

"Faz parte da educação ter pesquisa. Eu acho que está muito equivocado o ensino em que a pessoa assiste à aula, faz prova, pega o diploma e vai embora. Precisa ter mais conhecimento de pesquisa, conhecer a realidade", defende.

Isso, Aldo ensinou a seus alunos com maestria. Ele inaugurou as aulas de campo no Departamento de Geografia da UnB. Levava os estudantes num ônibus para a recém-inaugurada Ceilândia, Taguatinga, Brazlândia, Gama e Sobradinho. "Nossas pesquisas sempre eram na periferia, exatamente para o aluno entrar em contato. Mais do que um nunca havia estado lá."

Nesse ponto, a visão de Paviani é crítica. "Isso é uma coisa de que eu não gosto no futuro da educação: o estudante que passa quatro, cinco anos na universidade e não dá um retorno. Ele deve voltar e dar uma aula ou duas sobre a experiência profissional dele, dar um retorno. É um estudo de graça. Quer dizer, ele tem um certificado educacional de muito valor e não retribui. Essa minha ideia tem mais de 20 anos e ninguém implementa: um programa pelo qual um aluno volta e retribui", atesta o pioneiro.

E se ser professor é dar o exemplo, Aldo o fez com excelência, sem nunca deixar de lado a missão incansável de ensinar e de compartilhar o conhecimento, em retribuição a tudo aquilo que a academia lhe legou. "A educação foi tudo na minha vida."